

TORRES, Alexandre Pinheiro. *O adeus às virgens*. Lisboa: Editorial Caminho, 1992, 348 p.

Em *O adeus às virgens*, de Alexandre Pinheiro Torres, o tema da virgindade, que dá título ao romance, tem um sentido mais amplo. Na verdade esse tema associa-se a um princípio estrutural de comportamento: um pretenso recato (cristão), de caráter mítico (no sentido popular desse conceito), mascara uma maneira de ser que se alarga da esfera sexual para o conjunto da sociedade. O pretenso recato torna-se estratégia de quem se preocupa obsessivamente com a ascensão social.

Dessa forma, o "adeus às virgens" pode ser visto simbolicamente no romance de Alexandre Pinheiro Torres como uma maneira de ser e sentir a realidade cristalizada pela cultura. Essa cristalização configura-se na palavra-clichê e no comportamento-clichê. E, no romance, quanto mais essas configurações articularem-se em torno do campo sêmico da virgindade, mais dolorosos serão os rompimentos. Ilustrativa, nesse sentido, é a trajetória de Fátima, uma de suas personagens.

A voz do narrador de *O adeus às virgens* insere-se criticamente entre as vozes de suas personagens. É uma fala que incorpora o registro oral, provocando um duplo efeito

estético: a adesão afetiva e o distanciamento ideológico em relação a uma práxis que seria própria de um certo Portugal. Essa voz crítica um universo que lhe é bastante caro: o de Póvoa de Varzim, dos anos de 1920 e 1930.

Por isso, ao incorporar em sua perspectiva os clichês culturais de uma sociedade conservadora e provinciana, o narrador desautomatiza-os com humor. Ao questionar os ditos populares, em especial nos provérbios, onde se encontram os valores significativos da pragmática existencial dessa população, ele aponta para a negação de costumes cristalizados no tempo.

Nesse mundo ritualístico, sucedem-se as situações-clichês ao curso da narrativa. Os próprios atores sociais têm uma predicação-clichê e se situam num mundo de máscara que se pretende "celestial", por oposição ao outro "demoníaco", que deve justificar o primeiro. Os papéis demoníacos são necessários para a justificação dos celestiais, seus atores são igualmente previsíveis. Entretanto, ao curso do romance, nenhum papel - celestial ou demoníaco - se ajusta e acaba se desestruturando sob o efeito da ironia do destino.

Em meio às falas estereotipadas e comportamentos ritualizados dessas personagens, em situações narrativas dispostas à maneira dos folhetins - aparecem contínuas referências literárias a escritores que desmascaram a

hipocrisia - das literaturas brasileira e portuguesa à literatura universal, incorpora-se com humor pelo discurso irônico do narrador. Por exemplo, um Romeu devasso, mostrava-se com caracteres opostos aos da personagem de Shakespeare: descobre-se, depois, que ele tinha ironicamente muito da personagem do dramaturgo inglês. Convém-lhe, entretanto, a manutenção da máscara demoníaca... Para ele era conveniente manter o papel atribuído pela sociedade.

Apesar da alta frequência da ironia de destino, há em *O adeus às virgens* uma grande empatia do narrador em relação ao universo que registra, o que leva a soluções de compromisso entre as personagens, bem à maneira da telenovela brasileira. Personagens de caracteres negativos têm atenuada a sua predicação. Entretanto, a ambigüidade dessa caracterização, ao curso do romance, favorece a exploração irônica, o que desautomatiza o clichê do papel representado.

A "sintaxe" discursiva de *O adeus às virgens* segue processos contradiscursivos que aparecem, igualmente, em algumas telenovelas brasileiras mais críticas, que dramatizam o estereótipo sem deixar de tê-lo como referência. O comportamento ritual sofre um desmascaramento, sem perder a referência ao papel que lhe serve de base. Igualmente semelhante à telenovela (parente, por sua vez, dos

folhetins) são os cortes narrativos, matizados por intertítulos (os "olhos" da moderna escrita de jornal). Além de pausas para o leitor, esses cortes ligam-se à forma de percepção do leitor da atualidade.

As formas de representação literária - tal como ocorre com os clichês - têm sua razão de ser em *O adeus às virgens*, mesmo quando ironizadas. A referência, por exemplo, ao "Noivado do sepulcro", de Soares de Passos, desloca-se de um contexto romântico para o naturalista. O deslocamento situacional implícita o questionamento da representação convencional. Dessa maneira a forma convencional e o estereótipo podem ser traduzidos em palavras - na expressão lingüística das personagens ou no sistema de predicação de seus caracteres.

Não obstante, as palavras têm peso e ao serem desautomatizadas podem questionar o esvaziamento de conteúdos. Se nos valermos das imagens do deslocamento situacional do poema de Soares de Passos, uma personagem moribunda emerge do "sepulcro" para afirmar: "é pior a amêndoa que a sineta", desarticulando o provérbio: "é pior a emenda que o soneto".

Nas relações interculturais, quase sempre ganham relevo formas estereotipadas de representação do "outro". Nessas formas aparecem as marcas do desejo dos povos, mais do que a objetividade da imagem. Em boa medida, isso

é o que tem ocorrido com a representação recíproca de brasileiros e portugueses, tal como se explicita nos textos de ficção. Entre as imagens apriorísticas do Brasil por parte dos portugueses, figuram a representação da mulata - sempre sensual e preguiçosa e do "brasileiro" torna-viagem, esta última matizada pela novela camiliana.

Em *O adeus às virgens*, as estratégias contraideológicas do discurso fazem com que a personagem Jonas não se espantasse dentro do papel estereotipado do "brasileiro" torna-viagem. Cecília, sua provável filha, não se limita a repetir o papel de mulata sensual e preguiçosa. Se essa personagem pode servir para a projeção da tropicalidade que falta ao europeu, por outro lado ela é mais "feminina" e vulnerável do que aquelas que habitam a corte "celestial", sempre brancas e "puras". Tais clichês culturais são questionados pela enunciação, para quem Cecília tinha uma perspectiva mais universalista do ponto de vista étnico.

Através de Cecília, percebe-se uma imagem do Brasil como local de miscigenação étnica e cultural - uma linguagem de liberdade, sem preconceitos. Este é o ponto de vista da enunciação e não da sociedade conservadora da terra natal de Eça de Queirós - sintoma de um Portugal antigo, a que esse escritor - como aparece na quarta página de capa deste romance - chamou de "choldra". A referência se

faz a um mundo do passado e que acabou por criar as bases para a ascensão de um Salazar. É um mundo petrificado, tal como aparece nas imagens finais de *O adeus às virgens*, em meio à penumbra da madrugada. Entretanto, como pretende o narrador, com a aurora esse universo pode ser fecundado por uma nova luz, com uma nova "sintaxe".

De um lado, como se desprende dessa imagem, o mundo pétreo registrado pelo distanciamento ideológico do escritor. De outro, o registro afetivo desse universo, pois que o narrador cuida que essa nova "sintaxe" não apague as imagens que trazem a maneira de ser e sentir a realidade portuguesa.

Benjamin Abdala Júnior

COSTA, Horácio (Org.). *A palavra poética na América Latina - avaliação de uma geração*. São Paulo: Fundação Memorial da América Latina, 1992.

De 5 a 7 de dezembro de 1990, foi realizado no Memorial da América Latina em São Paulo um evento que se chamou "A Palavra Poética na América Latina - Avaliação de uma Geração". Dele participaram os brasileiros Frederico Barbosa, Duda Machado, Régis Bonvicino, Nelson Ascher, Júlio Castanon Guimarães, Fernando Paixão e Carlos Ávila; o cubano Orlando Gonzalez Esteva; os mexicanos Víctor Manuel Mendiola e